Lição 14: Que isso é evidente a partir das provas pelas quais alguns concluem a posição contrária

Bekker: 199 a 34-b 33

> *ELE DEMONSTRA QUE A NATUREZA AGE POR UM FIM A PARTIR DAS PROVAS PELAS QUAIS ALGUNS CONCLUEM A POSIÇÃO CONTRÁRIA*

261. Após o Filósofo ter mostrado por argumentos apropriados que a natureza age por causa de algo, ele pretende aqui deixar isso claro destruindo aquelas coisas pelas quais alguns abraçaram a posição contrária.

Esta seção divide-se em três partes de acordo com as três coisas pelas quais alguns parecem ser movidos a negar que a natureza age por um fim. A segunda parte começa onde ele diz: "Mas a pessoa..." (199 b 14 #267). A terceira parte começa onde ele diz: "É absurdo..." (199 b 26 #268).

262. A primeira coisa pela qual alguns parecem ser movidos a negar que a natureza age por um fim é a seguinte. Às vezes vemos coisas acontecerem de outra forma [do que é habitual], como acontece no caso dos monstros, que são os erros da natureza. Donde Empédocles sustentava que no início da constituição das coisas, certas coisas foram produzidas que não tinham esta forma e esta ordem que agora são comumente encontradas na natureza.

263. Ele apresenta quatro argumentos para superar esta dificuldade.

Primeiro, ele mostra que, embora a arte aja por causa de algo, ainda assim, nas coisas que são feitas pela arte, ocorre erro. Pois às vezes o gramático não escreve corretamente, e o médico prescreve uma bebida como poção medicinal incorretamente.

Portanto, fica claro que o erro também ocorre nas coisas que são por natureza, embora a natureza aja por causa de algo. Das coisas que são feitas pela arte por causa de algo, algumas são feitas segundo a arte e são feitas corretamente. Há outras coisas, no entanto, nas quais o artesão falha,

não agindo segundo sua arte, e nesses casos ocorre erro, embora a arte esteja agindo por causa de algo. Pois, se a arte não agisse por um fim determinado, então não haveria erro, não importa como a arte fosse executada. Pois a operação da arte estaria igualmente relacionada a todas as coisas. O próprio fato, então, de que acontece de haver erro na arte é um sinal de que a arte age por causa de algo. O mesmo acontece também nas coisas naturais, nas quais os monstros são, por assim dizer, os erros da natureza agindo por causa de algo, na medida em que a operação correta da natureza é deficiente. E este próprio fato de que o erro ocorre nas coisas naturais é um sinal de que a natureza age por causa de algo.

O mesmo é verdadeiro para aquelas substâncias que Empédocles disse terem sido produzidas no início do mundo, como a "progênie de boi", isto é, metade boi e metade homem. Pois, se tais coisas não eram capazes de chegar a algum fim e estado final da natureza, de modo a serem preservadas na existência, isso não foi porque a natureza não pretendia isso [um estado final], mas porque elas não eram capazes de ser preservadas. Pois não foram geradas segundo a natureza, mas pela corrupção de algum princípio natural, como agora também acontece que algumas crias monstruosas são geradas por causa da corrupção da semente.

264. Ele dá o segundo argumento onde diz: "Além disso, a semente deve ter..." (199 b 8). O argumento é o seguinte.

Onde quer que haja princípios determinados e uma ordem determinada de procedimento, deve haver um fim determinado por causa do qual outras coisas vêm a ser. Mas na geração dos animais há uma ordem determinada de procedimento. Pois é necessário que a semente venha a ser primeiro, e não há animal que exista imediatamente desde o início. E a própria semente não é imediatamente endurecida, mas no início é mole e tende à perfeição em uma certa ordem. Portanto, há um fim determinado na geração dos animais. Portanto, monstros e erros não ocorrem nos animais porque a natureza não age por causa de algo.

265. Ele dá o terceiro argumento onde diz: "Novamente, nas plantas..." (199 b 9). O argumento é o seguinte.

Embora a natureza aja por causa de algo tanto em relação às plantas quanto aos animais, isso é menos claro. Menos coisas podem ser inferidas a partir das operações das plantas.

Se, portanto, monstros e erros ocorrem nos animais porque a natureza não age por causa de algo, isso deveria ser ainda mais verdadeiro para as plantas. Assim como a "progênie de boi com cabeça de homem" ocorre nos animais, ocorre também nas plantas uma "progênie de videira com cabeça de oliveira", isto é, metade oliveira e metade videira? Parece absurdo dizer que essas coisas ocorrem. No entanto, isso deve ser assim se, em relação aos animais, é verdade que a natureza não age por causa de algo. Portanto, em relação aos animais, não é verdade que a natureza não age por causa de algo.

266. Ele apresenta o quarto argumento onde diz: 'Além disso, entre as sementes...' (199 b 13). O argumento é o seguinte.

Assim como os animais são gerados pela natureza, também as sementes dos animais o são. Se, portanto, o que ocorre na geração dos animais acontece de qualquer maneira, e não pela natureza,

como se agisse para um fim determinado, então o mesmo seria verdadeiro para as sementes, ou seja, que qualquer tipo de semente seria produzido por qualquer tipo de coisa. Isso é obviamente falso. Logo, a primeira [suposição] também é falsa.

267. Em seguida, onde ele diz: 'Mas a pessoa...' (199 b 14), ele destrói o segundo ponto pelo qual alguns foram levados a sustentar que a natureza não age em prol de algo.

Isso parecia verdadeiro para alguns porque as coisas que acontecem naturalmente parecem proceder de princípios anteriores, que são o agente e a matéria, e não da intenção de um fim.

Mas Aristóteles mostra o contrário. Ele diz que quem fala dessa maneira, ou seja, quem diz que a natureza não age em prol de algo, destrói a natureza e as coisas que são segundo a natureza. Pois aquelas coisas são ditas segundo a natureza que são movidas continuamente por algum princípio intrínseco até chegarem a algum fim — não a um fim contingente, e não de qualquer princípio a qualquer fim, mas de um princípio determinado a um fim determinado. Pois o progresso é sempre feito do mesmo princípio ao mesmo fim, a menos que algo o impeça. No entanto, aquilo em prol do qual algo é feito às vezes acontece por fortuna, quando [o que é feito] não é feito em prol disso. Por exemplo, se algum estranho vier e partir depois de se banhar, dizemos que isso foi por fortuna. Pois ele não se banhou como se tivesse vindo para esse propósito, já que não veio para isso. Portanto, seu banho é acidental (pois a fortuna é uma causa *per accidens*, como foi dito acima; L8 #214). Mas se isso acontecesse sempre ou na maioria das vezes para quem vem, não seria dito ser por fortuna. Mas nas coisas naturais, os eventos ocorrem não *per accidens*, mas sempre, a menos que algo impeça. Portanto, fica claro que o fim determinado que segue na natureza não segue por acaso, mas pela intenção da natureza. E disso fica claro que é contrário ao significado [*ratio*] da natureza dizer que a natureza não age em prol de algo.

268. Em seguida, onde ele diz: 'É absurdo...' (199 b 26), ele destrói o terceiro ponto pelo qual alguns sustentam a opinião de que a natureza não age em prol de algo. Pois parece a alguns que a natureza não age em prol de algo porque a natureza não delibera.

Mas o Filósofo diz que é absurdo sustentar essa opinião. Pois é óbvio que a arte age em prol de algo, embora também seja óbvio que a arte não delibera. Nem o artesão delibera na medida em que tem a arte, mas na medida em que lhe falta a certeza da arte. Portanto, as artes mais certas não deliberam, assim como o escritor não delibera sobre como formar letras. Além disso, aqueles artesãos que deliberam, após descobrirem os princípios certos da arte, não deliberam na execução. Assim, quem toca harpa pareceria muito inexperiente se deliberasse ao tocar qualquer acorde. E disso fica claro que um agente não delibera, não porque não aja para um fim, mas porque tem os meios determinados pelos quais age. Portanto, como a natureza tem os meios determinados pelos quais age, ela não delibera. Pois a natureza parece diferir da arte apenas porque a natureza é um princípio intrínseco e a arte é um princípio extrínseco. Pois se a arte de construir navios fosse intrínseca à madeira, um navio teria sido feito pela natureza da mesma forma que é feito pela arte. E isso é mais óbvio na arte que está naquilo que é movido, embora *per accidens*, como no médico que cura a si mesmo. Pois a natureza é muito semelhante a essa arte.

Portanto, fica claro que a natureza nada mais é do que um certo tipo de arte, ou seja, a arte divina, impressa nas coisas, pela qual essas coisas são movidas para um fim determinado. É como se o

construtor de navios pudesse dar às madeiras aquilo pelo qual elas se moveriam para assumir a forma de um navio.

Finalmente, ele conclui dizendo que fica claro que a natureza é uma causa e que age em prol de algo.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:48:04 by Admin
Updated 1 October 2026 23:39:04 by Admin